

## PROJECTOR OBSCURA / 2003

um filme de Peter Miller

*Realização, Fotografia, Montagem e Produção:* Peter Miller / *Cópia:* da Lightcone, 35mm, colorida, sem “inter frame”, sem som / *Duração:* 10 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

## BU SAN / GOODBYE, DRAGON IN / 2003

(*Adeus Dragon Inn*)

um filme de Tsai Ming-Liang

*Realização e Argumento:* Tsai Ming-Liang / *Direção de fotografia:* Liao Ben-Bong / *Montagem:* Chen Sheng-Chang / *Som:* Tu Du-Che / *Intérpretes:* Lee Kang-sheng (projeccionista), Chen Shiang-chyi (mulher da bilheteira), Kiyonobu Mitamura (turista japonês), Chun Shih (o próprio), Miao Tien (o próprio), Chen Chao-jung, Yang Kuei-Mei (mulher que come amendoins).

*Produção:* Liang Hung-Chih, Wang Vincent (Taiwan) / *Cópia:* 35mm, colorida, versão original legendada eletronicamente em português, 82 minutos / *Estreia Mundial:* Festival Internacional de Cinema de Veneza de 2003, em 29 de agosto / *Estreia em Portugal:* cinema King, em 10 de março de 2005 / Primeira apresentação na Cinemateca: setembro de 2006, “Novo Cinema do Sol Nascente”.

### PROJECTOR OBSCURA

---

O título é, desde logo, a afirmação de um projeto conceptual. A *camera obscura* foi, como se sabe, a primeira forma conhecida de projeção: efeito luminoso produzido entre uma divisão escurecida e outra bastamente iluminada a partir de um pequeno orifício através do qual se reproduz (e se projeta) uma imagem invertida e reduzida. Este efeito está na base dos sistemas de captação fotográfica. O que o cineasta Peter Miller faz em **Projector Obscura** é uma inversão dos termos. Todos sabemos que uma câmara capta e regista (numa película fotossensível ou num sensor digital) a luz, ao passo que um projetor expõe e relança essa mesma luz numa tela. Pode dizer-se que os mecanismos são semelhantes, mas contrários: um captura a luz, o outro liberta-a. E, não por acaso, o Le Cinematographe dos irmãos Lumière podia funcionar ora como câmara, ora como projetor (e também como “máquina duplicadora” de filmes). A proposta de Peter Miller é, justamente, (voltar a) transformar o projetor em câmara de filmar. Para isso, o realizador (que é também ele projecionista) visitou várias salas de cinema pelos Estados Unidos da América (por ordem de aparição Biograph, Gene Siskel Film Center, Anthology Film Archives, Gateway, MFA-Boston, Coolidge Corner e Harvard Film Archive), obscureceu por completo as cabines de projeção (transformando-as em *cameras obscuras*), isolou por completo o projetor da luz e fez correr película virgem pela máquina enquanto se acendiam as luzes na sala e abriam as cortinas que cobrem o ecrã.

O resultado desta operação é uma inversão: ao invés do projetor lançar luz da película para a tela, ele recolhe a luz da tela e imprime-a na película. O projetor converte-se, então, numa câmara de filmar. Só que, ao contrário das câmaras comuns, que são capazes de filmar vários assuntos, o projetor tem um único ponto de vista: o ecrã. **Projector Obscura** revela-nos o olhar do projetor. O filme é, portanto, uma sucessão de planos fixos, algo esfumados e pouco focados (pelas condicionantes da produção) de salas de cinema, ou melhor, de cortinas que se abrem e telas brancas que se revelam. É de uma enorme simplicidade e, no entanto, não deixa de ser profundamente comovente. Eis, pela primeira vez na história do cinema, planos subjetivos de projetores. Eis-nos, pela primeira vez, no lugar da máquina que nos revela o mundo através das imagens. Eis a sua solidão monótona, eis o vazio da espera. Eis a brancura da tela que aguarda pela luz. Ei-la, devolvida, como no espelho.

Ricardo Vieira Lisboa

## BU SAN / GOODBYE, DRAGON IN

**Bu San** é, da parte de Tsai Ming-Liang, uma homenagem aos velhos palácios de exibição cinematográfica que a evolução transformou em velhos dinossáurios condenados à extinção. Homenagem, mais concretamente a um velho cinema de Taipé, o Fu-Ho, que o realizador conhecia. Deste ponto de vista, o filme de Tsai Ming-Liang poderá ser posto em paralelo (e foi, pela generalidade da crítica), com outros filmes bem conhecidos que se inspiravam em fenómenos semelhantes noutras áreas geográficas, caso de **The Last Picture Show** (*A Última Sessão*), de Peter Bogdanovich, e **Nuovo Cinema Paradiso** (*Cinema Paraíso*), de Giuseppe Tornatore. Um fenómeno que os cinéfilos portugueses também conhecem, mas que nenhum cineasta português parece ter tido interesse em abordar, de uma forma ou outra (foi preciso vir Wim Wenders da Alemanha para se ter uma certa “aproximação” com as imagens dos interiores arruinados do cinema Paris em **Lisbon Story**), mais uma prova entre muitas de que a cinefilia não faz parte do património genético lusitano. À geração mais nova de espectadores, a dos multiplexes, **Bu San** e os outros filmes referidos pouco poderá dizer, mas quem conheceu idênticas (ou semelhantes) “catedrais” do cinema não deixará de sentir uma certa sensação de melancolia perante este filme de Tsai Ming-Liang. Sobre os interiores do Fu-Ho que o realizador nos mostra, a memória dos cinéfilos mais velhos imprime as imagens desfocadas de salas já mal iluminadas e tristes por onde circulavam meia dúzia de “fantasmas” semelhantes aos que povoam **Bu San**, salas que tinham antes conhecido o esplendor e que se arrastavam numa agonia incómoda, como o Império, antes de se consagrar a outra religião, ou o Éden.

Mas ao contrário dos outros filmes citados, e até do que transparece no que atrás ficou dito, a homenagem de Tsai Ming-Liang, feita com o estilo de *virtuose* a que nos habituou, com a elegância dos seus movimentos de câmara e o *timing* perfeito dos seus longos planos, se tem muito de melancólico, tem mais de observação pitoresca e até de humor. O realizador filma a última sessão do Fu-Ho com a exibição de um clássico do *wuxia* (filmes de sabre) chinês, um dos muitos que, naturalmente, terão passado por aquela sala: **Long Men Ke Zhen** (*Dragon Gate Inn*), feito por mestre King Hu, com que o autor de **Hsia Nu** (*A Touch of Zen*), revolucionou o género. Praticamente todo o filme de Tsai Ming-Liang decorre ao longo dessa sessão, sendo o filme no filme entrevistado segundo o lugar que os poucos espectadores ocupam, cuja perspectiva vai mudando de acordo com as mudanças destes ou das suas deslocações pela sala, visto com o ecrã semi-encoberto por uma cortina, umas vezes, ou ouvindo-se em *off* nas saídas de um ou outro espectador, que se desloca aos lavabos.

Mais do que o filme em si mesmo, o que interessa a Tsai Ming-Liang são as poucas personagens que ali se encontra nesta triste e apagada cerimónia de adeus. E é no tratamento destas que o sentido de observação e o gosto pelo *gag* (que não se assume como tal, mas resulta essencialmente do inesperado de uma situação) do realizador se afirmam. Situações que praticamente todos os espectadores conhecem e que se tornam involuntariamente cómicas, tal o siderado espectador que se vê entre um outro que vem sentar-se a seu lado e os pés de outro na cadeira oposta, ou, mais sugestivo, a busca do sapato ao longo das outras filas, ou a sequência muda dos homens nos lavabos, verdadeira obra-prima de duração da situação de comédia. Mas este tom de comédia toma quase a forma de uma abstracção, lembrando as sofisticadas e retorcidas comédias absurdas, e vem evitar que o filme caia na quase inevitável pieguice a que muitas das restantes homenagens ao cinema não resistiram. Mesmo o momento culminante dessa evocação de um passado glorioso, toma um tom mais ou menos distanciado: o encontro dos dois actores que interpretaram o filme de King Hu, Chun Shih e Miao Tien, dois dos poucos espectadores que se revêem numa juventude perdida e num tempo e cinema desaparecidos.

Manuel Cintra Ferreira